

## **O X DA QUESTÃO NO APRENDIZADO DA LÍNGUA PORTUGUESA: RELATO DE EXPERIÊNCIA**

### **The crux of the matter in learning the Portuguese language: an experience report**

Priscilla FONSECA CAVALCANTE, DESU/INES<sup>1</sup>

Pode soar estranho quando se trata do estrangeirismo linguístico dentro da sua nacionalidade, por exemplo, a pessoa nasce no Brasil, país em que a Língua Portuguesa é a língua oficial do país, descobre que é surda por viés patológico, e acaba tendo que aprender a Língua Brasileira de Sinais (Libras) por ser a língua natural do sujeito surdo.

As línguas de sinais, segundo Quadros (1997), que reforça a teoria de Chomsky, são desenvolvidas

internamente e externamente, assim como as línguas naturais, pois refletem a capacidade psicobiológica humana para a linguagem e porque surgiram da mesma forma que as línguas orais – da necessidade específica e natural dos seres humanos de usarem um sistema linguístico para expressarem ideias, sentimentos e emoções.

Ou seja, são desenvolvidas naturalmente pelo sujeito para a comunicação e por possuírem uma gramática própria.

Meus pais descobriram a minha surdez quando eu tinha dois anos de idade por meio de diagnóstico, sendo que minha surdez é de causa desconhecida e, para muitos estudiosos da área, isso é uma defasagem enorme na aquisição de linguagem. Meus pais me matricularam no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), na turma de Educação Precoce. Na época, do final dos anos 80 para os anos 90, faziam as pesquisas de Comunicação Total. A Comunicação Total foi uma abordagem difundida nos anos 80 e 90 no Brasil e defende a utilização de todos os recursos linguísticos, orais ou visuais, simultaneamente, privilegiando a comunicação, e não apenas uma língua (GOLDFELD, 1997).

---

<sup>1</sup> Mestre em Diversidade e Inclusão pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora do Departamento de Ensino Superior do Instituto Nacional de Educação de Surdos. Email: [zipri@hotmai.com](mailto:zipri@hotmai.com)

Comecei fazendo estimulação precoce aos dois anos de idade e minha mãe foi orientada a fazer o curso de Linguagem de Sinais, que na época se denominava linguagem e não língua, para que ela pudesse se comunicar comigo e, no ano seguinte, o meu pai também entrou no curso. Meus pais me ensinaram os primeiros sinais e a comunicação começou a se concretizar.

Com a estimulação e o aprendizado mútuo constante com meus pais, fui assimilando os conceitos, seus signos e significados. Quando estava no Jardim II, com então cinco anos de idade, eu respondia prontamente e bem rapidamente às perguntas da professora, que veio conversar com meus pais dizendo que eu estava “atrapalhando” os demais colegas por querer ser a primeira a responder. Minha mãe viu que não estava dando certo eu continuar ali. Eu estava avançando e a turma estava “atrasada” no nível linguístico, quero dizer, na aquisição da Língua de Sinais como L1.

Concomitantemente, eu fazia Centro de Dança e Estudo de Deficiente Auditivo, que se situava no Grajaú Tênis Clube e hoje não existe mais, onde tinha duas profissionais, uma professora de educação física e uma fonoaudióloga, que trabalhavam com surdos de diversas idades para trabalhar a linguagem, a estimulação auditiva e corporal. Nesse espaço, não podia usar Língua de Sinais e o trabalho era voltado para a linguagem orofacial. Muitos colegas meus, surdos também, estudavam no Instituto Nossa Senhora de Lourdes (INOSEL) e as mães deles sugeriram a minha mãe que ela fosse conhecê-lo.

Ingressei, em 1992, no INOSEL, aos seis anos de idade, ficando no primeiro ano numa turma de classe especial que tinha somente surdos que utilizavam língua de sinais. Sempre fui orientada a não fazer sinais, pois no instituto a metodologia de ensino era oralista e o sistema de ensino era fonético/fonológico. Porém, eu era uma criança levada e só queria saber de brincar, persistia em sinalizar. Cavalcante (2010, p. 21) relata que a teoria oralista preconiza a integração e o convívio dos surdos com os ouvintes somente através da língua oral e consiste em “ensino de palavras e tais atitudes respaldam-se na alegação de que o surdo tem dificuldade de abstração. Aprender a falar tem um peso maior do que aprender a ler e a escrever”.

Meus pais seguiam conforme as orientações dos profissionais ao longo da minha escolarização. Na alfabetização baseada na metodologia fonético-fonológica, com seis anos de idade, fui exposta ao mundo da escrita e do letramento e tive o apoio essencial dos meus pais, sempre me incentivando a ler, a ter contato com gibis, livros da coleção *Gato e Rato*, dos autores Mary e Eliardo França, com linguagem fácil e pequenas frases. Fui tomando gosto de ler e trocar ideias literárias com meus pais, sempre lhes indagando muitas coisas, por exemplo o porquê de ter “s” no final das palavras. Eles me explicavam que era plural e assim corria meu aprendizado. Além disso, meus pais nomearam a casa toda com os nomes dos respectivos objetos para que eu pudesse compreender que cada objeto da casa tem o seu respectivo nome em português. Eles retiraram os papéis com os nomes quando eu tinha nove ou dez anos, porque eu achava horrível aquilo ali espalhado pela casa.

Com resultados satisfatórios no nível escolar, no ano seguinte, fui para a turma regular, na 1ª série, hoje segundo ano do ensino fundamental, sendo a única surda da turma, até a 4ª série. Houve momentos de dificuldades na segunda língua, porém, tive meus pais sempre ao meu lado me apoiando, tirando minhas dúvidas, trocando experiências. Também tínhamos nossa programação cultural: assistir a filmes legendados (mamãe pausava cada legenda para que eu pudesse ler e explicar a ela o que estava sendo dito, testando a minha compreensão), ir a museus e à biblioteca (onde eu amava devorar livros), à locadora de livros, ao teatro. Além disso, pedia a meus pais para ir à casa do meu primo que era assinante da revista *Turma da Mônica*; ali eu lia e relia todos os gibis, pois meus pais não tinham recursos financeiros para comprar.

Aos sete anos de idade, escrevia cartinhas com cinco linhas para algumas amigas, compreendia livros com pequenas frases, devorava gibis de todos os tipos de personagens, perguntava sobre tudo o que estava passando na TV (*Chaves, Chapolin, Jornal Nacional* e novelas).

Com oito ou nove anos, já lia rapidamente os filmes legendados e os compreendia. Fiz várias histórias, uma pena não ter arquivado nenhuma delas. Conseguia redigir redação de até quinze linhas, trocava cartas com as colegas da turma, lia

sinopses/capítulos da novela no Jornal *O Globo*, de domingo, e até lia algumas manchetes do mesmo jornal, porém, achava muito difícil o linguajar.

Com dez anos, já lia livros de textos longos, como, por exemplo, dos autores Ruth Rocha e Pedro Bandeira (os *Karas*, por exemplo), livros de suspense, dentre outros. Com onze ou doze, dominava leituras de coleções/séries, como Harry Potter, Senhor dos Anéis, O Diário da Princesa, e muitos mais. Terminava em um ou dois dias, dependendo da minha fome de leitura, da vontade de saber o que viria pela frente. O gosto pela leitura era tão grande que eu viajava nas histórias, fazia meu pensamento aflorar e eclodir novas ideias elucidantes.

Enfim, tive acesso amplo à cultura, quero dizer, em termos de acesso como uma pessoa dita “normal”, mas a acessibilidade era precária em comparação aos dias atuais. Hoje, temos filmes legendados, acessibilidade em museus com intérpretes e legendas nas programações de TV como novelas, jornais, minisséries, comerciais, etc.

Terminei o Ensino Fundamental 1 no INOSEL. Como não havia continuidade nessa escola, fui para uma escola do município, pois não queria ir para o INES em hipótese alguma. Houve dificuldades nas etapas da escolarização devido à ampliação de vocabulários, de novos conceitos, novos conhecimentos. Faz parte da vida acadêmica. A esta altura, tive dificuldade em entender o que é resumo, resenha e fichamento. Nossa!

Quando entrei no Ensino Médio, confesso, tinha, e ainda tenho, trauma com a disciplina Literatura pelo fato de existirem inúmeros conceitos, figuras de linguagens, tipos de enunciados, tipos de contextos e assim por diante. Tive dificuldade em interpretar textos pertencentes aos períodos históricos que vão do arcaísmo até a modernidade, pois há linguagens que hoje nem utilizamos, desconhecemos significados, como no livro *Os Lusíadas*, de Luís de Camões. Na *Canção do Exílio*, de Gonçalves Dias, no trecho “minha terra tem palmeira onde canta o sabiá”, eu não compreendia aquilo e o professor teve que esclarecer para mim certos pontos, mas a minha mente continuava fechada. Outro ponto interessante da leitura e interpretação foi um trecho que li do livro de José Alencar, *Lucíola*, em que existe a expressão “tregar no cavalo”. Eu tive uma interpretação equivocada e saí correndo falando para meus pais: “O que é

isso? Trepar no cavalo? Prática de zoofilia?” Eles disseram que não era dessa forma, pois a palavra “trepar” tinha outro significado que é “pular, montar”.

Creio que, além do contato com o letramento, com as leituras constantes no cotidiano, bem como com o contato com a cultura ouvinte, as minhas relações com pessoas ouvintes foram fundamentais para obter êxito na compreensão da leitura e escrita. Tive uma melhor amiga de infância ouvinte, minha vizinha. Ela sempre me ajudava no português escrito e no português oralizado e até fazíamos a nossa brincadeira: ela era professora e eu era aluna e vice-versa e isso me ajudou. Com essa melhor amiga, a ficha caiu, entre quatro e cinco anos, de que eu era surda e os demais eram ouvintes. Antes, eu não percebia. Meus pais sinalizavam comigo e alguns familiares tinham noções básicas de língua de sinais. Com isso, eu achava que todos eram iguais falando e sinalizando. A vizinha veio, querendo fazer amizade, falando comigo e eu sequer percebia que ela estava falando comigo. Minha mãe percebeu a aproximação dela e falou comigo: “Filha, a menina quer brincar com você”. Eu comecei a sinalizar e mamãe entrevistou: “Filha, ela não sabe sinal”. Foi naquele momento que tomei consciência da minha surdez. Foi um impacto chocante para mim ao perceber que tinha pessoas diferentes de mim, mas logo superei.

Também o convívio dos primos de idade aproximada facilitou a interação da língua. Só acho engraçado que eu “sugava” o português deles, mas não dava o troco de ensinar Libras. Tenho uma outra amiga de infância, hoje professora de inglês, que resolveu fazer curso de Libras e veio falar comigo em Libras. Eu estranhei minha amiga sinalizando comigo e falei: “Não acredito! Você sinalizando! Ah, não, pode dizer em português”. Ela insistiu: “Nada disso. Depois de tanto anos juntas, você sequer me ensina a sua língua”. Gargalhei.

Eu, quando estudava no INOSEL e no município, sentia-me desafiada, mas eu adorava aquela adrenalina. Queria me sentir como os ouvintes, saber o que era aquilo, o que estava escrito, o que significava. Até aprendi com os ouvintes muitas gírias, metáforas e expressões populares, tais como “entrar pelo cano”; “enfiar o pé na jaca”, entre outras. Trocava e ainda troco estas ideias com os ouvintes e acho engraçado quando os que convivem com surdos me conhecem e acham excepcional, ou seja, uma

agulha achada no meio do palheiro, saber que eu possuo domínio das expressões populares e gírias. Sempre gostei de saber. Aliás, sempre fui curiosa e ainda sou.

A trajetória acadêmica foi um pouco decepcionante. Logo no início, não entendia aquele linguajar acadêmico e jurídico, visto que a minha primeira graduação foi a de Direito. Direito? Muitos dos meus colegas ouvintes diziam: “Uau, amiga, nem sei como você se supera estudando conosco, já que eu sinto dificuldade naquela matéria e tal”. E eu respondia sarcasticamente: “Ué, superando, simples assim”. E ria de fininho.

Após as aulas, eu era uma rata de biblioteca. Quase que diariamente, eu estudava na biblioteca de duas a três horas, metendo a cara nos dicionários de Língua Portuguesa e do Direito e mais os livros concernentes às disciplinas. Fazia resumos à mão, passando a limpo, para ajudar a fixar mais os conteúdos. Um ano após ingressar em Direito, ingressei também no curso de Pedagogia e segui cursando as duas graduações de áreas diferentes. Não encontrei muitas dificuldades no curso de Pedagogia, pois, com as leituras e com o estudo das disciplinas, tinha algumas disciplinas que eram iguais. Eu sabia de cabeça. Sempre fiz leitura dinâmica. Não conseguia, e ainda não consigo, ler devagar como muitos fazem. Se tiver uma palavra que desconheço, não fico me prendendo com aquela palavra desconhecida. Simplesmente a ignoro e prossigo a leitura dinâmica e, no final das contas, chego a uma conclusão para aquela determinada palavra. Depois volto para caçar as palavras ignoradas e vou no dicionário consultar os significados.

Hoje, sou mestre e professora de Libras do curso de Pedagogia do INES e me orgulho de ter sido parte da primeira turma deste curso. Estou no quadro efetivo do 4º concurso público que fiz em minha vida. Mãe de um surdo de sete anos e de uma coda (criança ouvinte filha de pais surdos) de seis anos, hoje, sinto um desafio enorme em administrar duas línguas ao mesmo tempo devido às estruturas linguísticas distintas: oralizar em português para a filha e sinalizar para o filho. Porém, há momentos em que eu sinalizo para ela e oralizo para ele.

Enfim, a leitura é essencial para a vida de todos os surdos que quiserem manter o contato com a segunda língua, pois se sabe que a língua é viva, é algo natural, inovador, e está em constante mudança.

*Dossiê Especial: Português como Língua Adicional em contextos de minorias:  
(co)construindo sentidos a partir das margens*  
BIZON & DINIZ (Orgs.)

---

## **REFERÊNCIAS**

CAVALCANTE, P. F. **Políticas da Inclusão dos Surdos**: um estudo reflexivo à luz da educação. Trabalho de conclusão do curso bilíngue de Pedagogia. Departamento de Ensino Superior/Instituto Nacional de Educação de Surdos. Rio de Janeiro, 2010.

GOLDFELD, M. **A criança surda**: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista. São Paulo: Plexus, 1997.

QUADROS, R.M. **A educação de surdos**: a aquisição de linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.